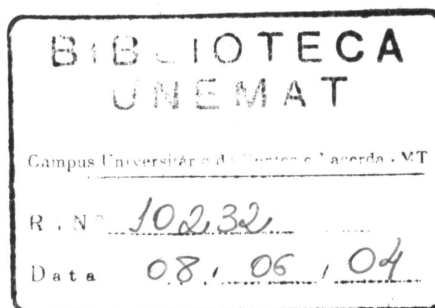


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O CAIR DA PERSONAGEM G.H. NA DANAÇÃO DA ALMA

JÂNIO FERREIRA TEIXEIRA



Pontes e Lacerda, junho de 2003

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O CAIR DA PERSONAGEM G.H. NA DANAÇÃO DA ALMA

Ensaio monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profª. Nilsa Andréa dos Santos

Pontes e Lacerda, junho de 2003

Aos meus pais José de Souza Teixeira e Maria
Ferreira Teixeira, aos meus irmãos José Carlos,
Jairo, Januário e Jorge.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha vida acadêmica e em especial à professora Nilsa Andréa que me orientou neste trabalho com total seriedade, carinho e dedicação, à professora Cleunice que sempre esteve pronta a ajudar-me, à professora Ediliane que ao longo do curso sempre que pude ajudou-me, e também a todos os profissionais que sempre estiveram presente ao longo do curso, à meus amigos Vilma Abreu, Maria Aparecida, Tatiane, Ilson, Érica e Guiomar, que direto ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho, à minha tia Fátima pela amizade e atenção, aos meus sobrinhos Gabriel, Danielle e Francielli pelo carinho, a toda minha família pelo incentivo e compreensão.

Sem todos estes elementos seria impossível concretizar este trabalho.

“O mundo inteiro vivo tem a força de um
inferno”

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Conceitos e Perspectivas Filosóficas.....	09
Modernismo: Silêncio em Tempos de Vozes.....	14
Cair e Danação Sinônimos de Transição?.....	18
Considerações Finais.....	27
Bibliografia.....	28

APRESENTAÇÃO

Nossa atenção neste Ensaio Monográfico recaiu sobre a obra “A paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector, publicada em 1964, mais especificamente sobre uma afirmação feita pela personagem na página 59 “eu tinha que cair na danação de minha alma, a curiosidade me consumia”. A partir deste enunciado e das inquietações provocadas pela obra recorreremos a teoria do Existencialismo, de Martin Heidegger, para melhor compreender nosso objeto.

A análise apresenta em seu todo, o trajeto da personagem G.H., que tenta se compreender e se entender enquanto “ser” no mundo, para tal fizemos diversos recortes na obra juntamente entrelaçando ao suporte teórico para melhor explicitar e compreender o objeto. O nosso objeto “eu tinha que cair na danação de minha alma a curiosidade me consumia” não pode ser analisado fora da personagem G.H. e do conflito que ela vive, por isso buscamos como fundamentação teórica do ser ficcional em Cândido em “A personagem de ficção”.

O trajeto percorrido pela personagem, trata-se do princípio da angústia, que leva o ser na aventura de se conhecer, associada diretamente a transcendência. Para compreender a transcendência do ser partimos do enunciado que deu luz a esta discussão, pois buscamos nele primeiramente subsídios para aprofundar nossos estudos. Quando dizemos nele é porque analisamos as palavras-chave que constituem a afirmação da página 59 da obra “A Paixão Segundo G.H.”. Assim, “cair”, “danação” e “alma”, ganharam muitos sentidos, mas detemo-nos naqueles que deram indícios e pistas, que explicitariam a nossa inquietação e de certa estavam já marcadas pela teoria Existencialista. O segundo momento buscamos entender etimologicamente existência e ser para depois relacionar os sentidos provocados pelo objeto a teoria para ampliar e fundamentar a discussão sobre o ser e existir no universo da ficção de Lispector.

A discussão teórica está dividida em três momentos pertinentes para a compreensão do objeto: o primeiro denominamos de “Conceitos e Perspectivas Filosóficas”, em que procuramos fazer uma perquirição da origem e importância da filosofia para o homem, em

seqüência enfatizamos a corrente moderna do estudo do ser; que tem como precedência a fenomenologia, que estuda o homem como fenômeno, daí surge o existencialismo nosso olhar teórico sobre o objeto de estudo. O segundo denominamos “Modernismo: Silêncio em Tempos de Vozes” em que buscamos mostrar uma tendência que influenciou os grandes escritores da época, tendo em vista que o mesmo é caracterizado como movimento de rupturas tanto de estética quanto da temática. Nesta abordagem apresentamos a inauguração da literatura feminina no Brasil, bem como uma estética inovadora, que é explicada por Lispector no ato de escrever “não tem pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro...”. Em terceira e última estância, a análise que intitulamos de “Cair e Danação sinônimos de transição?” em que buscamos trazer dados do enredo e da teoria para dissentir profundamente nosso objeto e chegarmos a um resultado que satisfizesse nossa inquietação diante do inesperado que é a existência na personagem G.H.

CONCEITOS E PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS

A filosofia surgiu a quase 2.700 anos na Grécia Antiga no século VII a.C., com intuito de interrogar a realidade, buscar explicações, é um movimento de construção do saber. “A filosofia não é a sabedoria, mas um movimento em sua direção,” (GALLO, 2000, p.11).

Na perspectiva da filosofia pretendemos neste ensaio monográfico, apresentar reflexões sobre a doutrina filosófica do Existencialismo, nos permitindo com isso fazermos uma discussão sobre a obra da escritora Clarice Lispector “A Paixão Segundo G.H.”. A partir das inquietações provocadas pela obra de Lispector e sobre a noção filosófica “Ser e Estar no mundo”, e das várias reflexões possíveis sobre o romance, recortamos como nosso objeto, que constitui uma parte instigante e enigmática do enredo que é: “eu tinha que cair na danação de minha alma, a curiosidade me consumia”. Essa discussão tem por objetivo compreender a “danação da alma”, como uma busca filosófica da personagem G.H. Esta busca pode levar-nos tanto a questões de entendimento do “ser e estar no mundo” ou ainda instaurar novas inquietações sobre a obra e principalmente sobre a personagem.

A personagem “G.H.” é vista na obra de Lispector como uma personagem de ficção. Segundo Antônio Cândido, a personagem de ficção pode existir a partir dela mesma, trazendo juntamente consigo uma vida, ou pode ser a representação de uma personagem real, ou seja, a mesma pode ser criada numa esfera ontológica.

a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de uma modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores e ordem cognitiva, religiosa, moral, político-social, e tomam determinadas atitudes em face desses valores” (CANDIDO, 2002, p. 45).

A personagem de ficção, como foi dito anteriormente, pode ser ou não a representação do homem, mas o que sabemos é que grande parte dessas personagens são construídas em coerência ao real e na sua integralidade, mas é no plano psicológico, que é possível analisar a problemática íntima de cada ser ficcional. É neste sentido que Cândido afirmar:

quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças a qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada, (CANDIDO, 2002, p. 65).

Para analisarmos nosso objeto precisamos compreender melhor o que é a doutrina filosófica do Existencialismo, para tal recorreremos a etimologia da palavra, dada por João da Penha, o qual diz que a palavra tem sua origem do “Latim *essentia*, deriva do verbo *esse*, ser. Só muito mais tarde surgiria em latim a palavra *existentia*, *existência*, deriva de *existire*, que significa sair de um domínio, é sinônimo de mostrar, exhibir, movimento para fora” (PENHA: 2001, p. 11).

A doutrina filosófica do Existencialismo teve início com o filósofo dinamarquês Sören Kierkegard (1813 a 1858), posteriormente foi retomada por Martin Heidegger (1889 a 1976), o qual uniu o Existencialismo de Kierkegard e a Fenomenologia de seu mestre Edmond Hursserl. A Fenomenologia de Hursserl é um movimento inspirado nas distinções entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos, ou seja, tem como preocupação central a descrição da realidade possuindo como objeto para reflexão o próprio homem.

Em 1927 Heidegger escreveu a obra “Ser e Tempo”, em que fez abordagem do método fenomenológico para discutir e elaborar uma teoria voltada para o “Ser”. Heidegger utiliza-se da expressão alemã *Daisein* que significa “Ser-ai”, ou seja, “Ser-no-mundo”, para explicar a noção de intencionalidade, que é o fato do ser humano ter consciência de que é um “ser-no-mundo”.

“Ser-no-mundo” para Heidegger, é “não ter uma consciência separada do mundo, mas

está numa situação dada, tomar consciência de um mundo que ele (ser) mesmo não criou” (ARANHA, 1992, p.321), e é a partir deste processo que o homem tem consciência da *factilidade*¹. Na obra “Ser e Tempo” Heidegger coloca que:

Ser *em um mundo* é nos vemos tentados a compreender o ser-em como um estar *dentro de* Com esta última expressão, designamos o modo de ser de um ente que está num outro, como a água está no copo, a roupa no armário. Com este *dentro* indicamos a relação recíproca do ser de dois entes extensos dentro do mesmo espaço, no tocante a seu lugar neste mesmo espaço. Água e copo, roupa e armário estão igualmente *dentro* do mesmo espaço *em um lugar*” (HEIDEGGER, 2002, p. 161).

Na obra “Ser e Tempo” há um retorno para o “Ser”, e isso pode ser percebido quando Heidegger faz uso da palavra “em” ao escrever que:

O *ser-em* não pode indicar que uma coisa simplesmente dada; está espacialmente *dentro de outra* porque, em sua origem *em* não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie, *em* deriva de *innan*, morar, habitar, deter-se *na* significa: estou acostumado a, habitado a, familiariza com (...) o *ser-em* neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou. A expressão *sou* se conecta a *junto*, *eu sou* diz por sua vez: eu moro, me detenho junto... ao mundo ...” (HEIDEGGER, 2002, p. 161).

As várias distinções do “Ser”, faz com que Heidegger introduza o conceito de “autenticidade”, para melhor explicar este conceito ele divide em duas partes: autêntico e inautêntico. O autêntico é “aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não-humano” (PENHA, 2001, p. 32), já o inautêntico é aquele que possui sinônimo de queda “tendem a se degradar. A queda é um estado de decadência, de derrelição, de desamparo”(Idem).

¹ - *Factilidade* – aquilo que pode ser.

A inautenticidade divide-se em duas partes: Subjetivamente e objetivamente. A primeira (subjetivamente) é a ação partindo da própria consciência individual, fazendo com que o homem obedeça ordens e proibições sem indagar suas origens. A segunda (objetivamente) surge a partir do contato com um mundo artificial, criado basicamente pelos meios de trabalho como: fábricas e trabalho com auto-tecnologia, fazendo com que o trabalhador “confunda-se com as máquinas”, a vida profissional e pessoal passa a ser conduzida por “chefes” e o trabalho torna-se uma rotina, criando com isso a impossibilidade de agir e consequentemente o trabalhador passa a ser inautêntico.

O tédio e a ansiedade são os primeiros sintomas da angústia, que segundo Heidegger, o homem necessita para atingir a plenitude de sua vida, “através da angústia, o indivíduo penetra no mais íntimo de sua existência. A angústia ante o nada conduz o homem à existência autêntica” (PENHA, 2001, p.32). Dessa forma, o primeiro indício da consciência da existência (autenticidade) é resultante do processo de insatisfação do ser e principalmente gerada por uma experiência conflitante, dele com o mundo e com ele mesmo, o que impõe ao ser uma profunda angústia.

Compreendemos que o “*Ser*”, como observou Sartre e retomado por Heidegger, é ser são as próprias possibilidades: é fazer-se ser, o que se importa é a autenticidade de uma decisão tomada “movimento para fora” (PENHA, 2001, p.11), o limite é dado pelo tempo, pelo prazo de vida que cada um possui, porque a morte é que revelava o fim da vida humana. A partir desta idéia não há mais céu nem Deus para depositar inquietações, o *Ser* está entregue a si mesmo/ao nada. Uns aceitam as coisas assim como são “vivem”, numa eterna repetição, pois recolhem-se em si, já outros ao contrário “existem”, testam seus limites, indagam, enriquecem o ser, querem fugir do tédio e da ansiedade.

A compreensão de todo o exposto acima, são fundamentais e necessários para nosso estudo sobre o “tinha que cair na danação de minha alma, a curiosidade me consumia”, tendo

em vista que são dispositivos teóricos pertinentes, dado a escolha do objeto e da autora, pois ambos estão centrados num período literário, em que está carregado de (teoria) substrato filosófico, mas o Existencialismo parece ser uma das doutrinas em que filia-se a autora e por isso buscamos discutir nosso objeto a partir desta perspectiva teórica. A relevância deste trabalho monográfico está efetivamente na interpretação do objeto, sem querer pretensiosamente responder o que é o ser, porque conceituá-lo poderíamos cair na tautologia: “o ser é o que é”, o que aliás a filosofia deixou escapar. No entanto, insistimos em compreender nosso objeto a partir o pensamento heideggeriano, pois a existência é a *priori* experiência individual, lógica e metafísica do ser-personagem e do homem no mundo na mesma espacialidade e temporalidade.

MODERNISMO : SILÊNCIO EM TEMPOS DE VOZES

A literatura do século XX recebe a denominação de “Modernismo” para evitar segundo alguns teóricos, uma possível confusão com a “Era Moderna”. O Modernismo surgiu em 1922 com a “Semana de Arte Moderna”, mas é bom lembrar que este movimento recebeu este nome só pelos historiadores brasileiros, em outros países com Itália, França, Suíça, etc. recebeu outros nomes. A Semana de Arte Moderna, segundo Nelson Sodré, foi:

uma série de atividades artísticas, realizadas em São Paulo, em fevereiro de 1922, com grande alarme e no intuito de provocar escândalo – seus participantes pretendiam subverter os padrões est ticos dominantes; o escândalo destinava-se a chamar a atenção do público para as novas manifestações, (SODRÉ, 1995, p. 525).

Como movimento literário, o Modernismo apresenta em sua constituição “substratos ideológicos ao pensamento filosófico e científico, que constitui o suporte intelectual do complexo cultural do *nosso século*²” (ONOFRE, 1997, p. 411). Neste sentido, as produções (literatura, teatro, cinema, pintura, etc.), criadas a partir daquele século sofreram as influências das idéias inovadoras que predominavam.

A partir de novas idéias, o Modernismo passou a definir-se, não apenas como o novo, o moderno, mas como autêntico. As contradições são muito freqüentes na sua autenticidade, mas nem por isso o Modernismo deixou de ser rico em si mesmo.

Vários movimentos influenciaram e determinaram o Modernismo como: Intucionismo, Existencialismo, Psicanálise, Marxismo e etc.. Dentre essas doutrinas filosóficas destacaremos como fundamentais e os mais revolucionários do século passado: A “Psicanálise”, de Freud e “Marxismo”, de Marx, que são movimentos inovadores, que provocaram mudanças est ticas e ideológicas na sociedade e conseqüentemente nas artes.

O Intucionismo foi um pensamento criado pelo filósofo francês Henri Bergson, que “foi um dos maiores expoentes contra as doutrinas materialista e mecânicista que dominaram a cultura européia” (ONOFRIO, 1997, p. 414). O objetivo principal do Intucionismo de Bergson é valorizar o papel da intuição, segundo ele “enquanto o conhecimento através de conceitos apresenta a realidade como algo estático e imutável, a apreensão pela intuição estabelece uma comunicação direta entre o ‘eu profano’(que muda continuamente) e a interioridade dinâmica das coisas. As verdades humanas, portanto não tem valores abstratos, mas relativos ao sujeito, ao tempo e ao espaço” (ONOFRIO, 1997, p. 414).

O Existencialismo foi um pensamento filosófico iniciado por Sören Kierkegaard e posteriormente retomado por Martin Heidegger, seu principal objetivo é refletir sobre a existência do mundo e do homem no mesmo espaço e tempo.

A Psicanálise de Freud é de grande importância para os estudos sobre a formação da personalidade humana. Com relação à literatura, as influências são recíprocas, pois “influenciou consciente e inconscientemente, muitos escritores que exploraram a psicologia profunda em seus personagens de ficção,” (ONOFRIO, 1997, p. 417).

A teoria de Karl Marx consiste numa crítica profunda contra o capitalismo que aliena os trabalhadores. “O pensamento Marxista influencia fortemente uma parcela da Literatura Moderna e Contemporânea voltada para a problemática das injustiças sociais, especialmente ao filão da narrativa ficcional chamado de realismo socialista,” (ONOFRIO, 1997, p. 418).

A narrativa dentro das tendências modernas, traz mudanças tanto estética quanto ideológica. Neste sentido surgiu a problemática da prosa moderna “devido à grande variedade de tendências e correntes, ficou muito difícil definir e classificar o romance do século XX” (ONOFRE, 1997, p. 430). A narrativa a partir de então, passa a preocupar-se com o mundo subjetivo do protagonista, influenciado pelo romance psicológico e psicanalítico e também

² Refere-se ao século XX.

passa a ter novas fórmulas de estrutura e novos padrões lingüísticos. “As ações, idéias, sentimentos e sensações do tempo presente misturam-se com a memória do passado e com as aspirações do futuro” (ONOFRE, 1997, p. 437).

Em meio a essa postura inovadora do Modernismo é que Clarice Lispector escritora naturalizada brasileira, é hoje um dos grandes nomes da Literatura Brasileira Moderna/Contemporânea. Em julho de 1944, foi elogiada num artigo, por um dos mais respeitáveis críticos do momento Antônio Cândido, o qual diz que a mesma “aventura-se e não segue os caminhos já batidos”.

Desde a obra “Perto do Coração Selvagem”, Lispector vem recebendo elogios da crítica, desde críticos anônimos a grandes nomes. Alceu Amoroso Lima coloca que:

Ninguém escreve como Clarice Lispector. Clarice Lispector não escreve como ninguém. Só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma clave diferente, à qual o leitor custa a adaptar-se, (SÁ, 2000, p. 29).

As obras de Lispector dentro do movimento Modernista quebra várias barreiras, em relação ao Romantismo, como por exemplo: o romance deixa de seguir uma forma linear (começo, meio e fim). A mulher deixa de ser vista como figura mítica (inspirada nos clássicos) e passa a expor seus problemas, sua independência e suas inquietações sobre o mundo a sua volta. A mulher sempre esteve presente nas literaturas, antes como figura “exemplar”, isto é, como personagem, mas agora, como escritora e personagem de seus próprios dramas. No Modernismo esta figura feminina passa a ser vista de forma diferente “no século XX, a mulher se pergunta por si só” (COELHO, 1993, p. 13), não necessita de um mediador masculino, que a represente na sociedade e explique o seu “papel a ser representado”. E este “perguntar” da mulher só se dá devido a crise da sociedade na época “a crise que vem sendo vivida pela mulher, em nosso século se identifica com a crise histórica

gerada pela desorientação de homens e mulheres diante de uma avalanche de interrogações impostas pelos novos tempos”(Idem).

Clarice Lispector e o Modernismo surgiram para marcar e transformar uma época, com novos conceitos e novas fórmulas. Criaram um modelo novo de protagonista, tempo e cenário, O Modernismo em si, foi e será um movimento voltado à tentativa do homem de compreender a possível relação entre ele mesmo e o mundo, um movimento que busca a compreensão individual e social.

Compreendemos que o Movimento Modernista apresenta em si traços necessário para facilitar o estudo de nosso objeto “tinha que cair na danação de minha alma, a curiosidade me consumia”, as idéias modernistas são pertinentes dentro da perspectiva da análise, em que a autora se inscreve e dentro das formações filosóficas do período em questão.

CAIR E DANAÇÃO SINÔNIMOS DE TRANSIÇÃO?

A obra “A Paixão Segundo G.H.” foi escrita por Clarice Lispector, editada pela primeira vez em 1964, é narrada em primeira pessoa. A obra é muito rica em detalhes tanto no plano psicológico quanto físico, o que nos possibilita pensá-la de vários pontos, isto é, ela nos abre um leque de objetos interessantes e possíveis de análise. E dentre essa grande possibilidade de estudo, escolhemos discutir uma afirmação feita pela personagem na página 59, “eu tinha que cair na danação da minha alma, a curiosidade me consumia”, tendo em vista que esta instigou-nos a analisar detidamente que significados podem ser despreendidos no interior da obra em estudo, que podem estar associado a enunciação tomada com o objeto ou ainda qual a implicação dessa afirmação no processo de constituição da personagem G.H.. E para tal buscamos como dispositivos teóricos para análise o Existencialismo, de Heidegger.

A narrativa de Lispector apresenta uma personagem de classe média, que vive num apartamento de luxo, e é denominada apenas pelas iniciais G. H.. Após despedir a empregada Janair, G. H. resolve fazer uma limpeza em seu apartamento, em que começa pelo quarto que era ocupado pela empregada. Ao entrar no quarto, G.H. depara com algo extraordinário, o quarto está totalmente limpo e possui nas paredes rabiscos. No armário do quarto, G.H. vê algo mais extraordinário ainda, uma barata. Quando a personagem observa melhor o inseto, resolve matá-lo, depois de esmagar a barata repentinamente ela degusta a massa branca que saiu do interior do inseto.

Dentro da obra de Lispector é bem visível os traços do Modernismo, a escritora adota o substrato ideológico do movimento e o aplica em sua obra, é possível observar esta afirmação no seguinte recorte:

Não temos mais protagonista. Somente um G.H., um quarto como espaço e uma barata como ponto de partida para uma longo introspecção, como método empírico de indagação metafísica” (SÁ, 2000, p. 257).

A obra de Lispector “A paixão Segundo G.H.” localizar-se no período Moderno e como sabemos, o Modernismo apresenta-se em sua constituição substratos ideológicos como a corrente filosófica do Existencialismo. Prevalece na obra o pensamento inquiridor em face da vida, o drama e a história em si está ausente, pois à medida que a linguagem capta a percepção da vida diária da personagem: clara e vista, logo alterada e obscura pela justa aplicação da linguagem. Por vários momentos na obra, a personagem G.H. pergunta-se, e este perguntar faz com que a personagem dispa-se da vida para assim fazer uma possível reformulação de sua própria vida, esta idéia pode ser compreendida a partir da filosofia de Heidegger, pois sabemos que o questionamento, o tédio e a ansiedade leva à angústia e a mesma é o princípio de um monólogo interior, que baseia essencialmente num conflito interno, que parece durar anos, mas que na obra tem duração de um dia e tem como causa o ato corriqueiro e cotidiano, que é a visão de um inseto. Aparentemente, G.H. é uma personagem desconhecida e desinteressante no universo feminino, mas à medida que a narradora/personagem desvenda sua própria interioridade, que mais parece um ensaio filosófico que nos ensina o segredo do indizível. É neste sentido que “as linhas são pretextos e percepções das entrelinhas”, isto é, da danação da personagem, que é uma sinônimia da angústia.

Segundo Heidegger, o homem necessita atingir o estado de angústia para ir rumo a plenitude de sua vida. É neste sentido que João da Penha afirma “através da angústia, o indivíduo penetra no mais íntimo de sua existência. A angústia ante o nada conduz o homem à existência autêntica” (PENHA, 2001, p. 13). A angústia leva o ser a entrega ou abandono do espaço físico da obra no qual se configura G.H. é apenas um pretexto para mergulhar no verdadeiro espaço o interior de si mesma, talvez no “cair na danação da alma”.

“G. H.” se apresenta na obra como uma mulher complexa que vive trancada em si mesma, se preocupa apenas em satisfazer os desejos de uma sociedade e não aquilo que lhe é

próprio. Talvez, porque acredita que, o que a sociedade legitima e cristaliza, seja de sua vontade, isto é, si reconhece apenas por ela e pela imagem artificiosa e vazia que “criou” pelos parâmetros “dados” pela sociedade.

quanto a mim mesma, sempre conservei uma aspa à esquerda e outra à direita de mim. De algum modo ‘como se não fosse eu’ era mais amplo do que se fosse – uma vida inexistente me possuía toda e me ocupava com uma invasão (...) enquanto eu era, mais do que limpa e correta, era uma replica bonita. (LISPECTOR, 1998, p.31).

Podemos comparar as “aspas” da qual a personagem fala no recorte acima, com o ser inautêntico, do qual Heidegger faz uma abordagem fundamentada no fenômeno da busca do conhecimento, melhor dizer na não busca e não conhecimento. Podemos ver as “aspas” como uma barreira que não permite a personagem sair a deriva e encontrar-se, ou seja, sair da posição de “estar” para “ser” no mundo. Esse fato de conservar aspas à direita e a esquerda não a transtorna, pois a falsa e frágil realidade, lhe garante um pseudo equilíbrio interior. A visão do inseto desorganiza a vida de G.H., tanto que surge uma mescla de sentimentos em seu íntimo, confundindo-a sente ódio, náusea, curiosidade, amor e paixão. Perdida nesta experiência, a personagem começa a questionar o seu “eu” e seu próprio mundo.

Este questionamento da personagem é intenso, e faz com a mesma busque entender a vida, e é neste sentido que o objeto “eu tinha que cair na danação de minha alma...” pode significar na obra, uma quebra de “realidades” para que a personagem dispa-se de algo que se acha importante. O “cair” e “danação” podem representar o ponto mais importante da obra, o extremo do ser humano, no desespero de não encontrar respostas, G. H sente-se impotente diante do ser primitivo que é a “barata” e ao mesmo tempo, a “curiosidade consumidora” leva-a cometer um ato que transforma o seu “eu”, como podemos observar a seguir:

E de repente gemi alto, dessa vez, ouvi meu gemido. É que como um pus subia à minha tona a minha mais verdadeira consciência – e eu sentia com

susto e nojo que 'eu ser' vinha de uma fonte muito anterior à humana e. com horror muito maior que a humana, (LISPECTOR, 1998, p. 58).

A personagem ao comer o inseto, pratica algo totalmente primitivo, mas necessário, pois ela ao comer a "barata", tem a sensação e esperança de entender no inusitado a vida, comer o inseto pode ter significado comer a essência da vida, voltar as origens. Esta reflexão, esta leitura é advinda do discurso da personagem que diz "pela porta da danação eu comi a vida e fui comida pela vida" (LISPECTOR, 1998, p.119), o momento enigmático da degustação do interior de outro ser (a barata) faz com que a personagem conheça o essencial da vida, que é o existir. "Comer a vida" e "comida pela vida" pode significar a ruptura com o passado e com o presente em busca de alcançar ao futuro, isto é, despir da máscara da imposição social para voltar-se completamente a si, num movimento em que o ser torna-se decisivo, pela nova condição necessária para atingir o seu espaço no mundo a partir do livre arbítrio.

A narrativa dá ênfase ao espaço agônico de G.H. (ser) e do sentido (busca do conhecimento de si), contraditoriamente este espaço, onde o ser procura e se perde, se encontra e volta a se perder. Neste processo consiste a queda do ser para recomeçar, a viver. por isso "cair na danação de minha alma" sugere um estado de decadência e consciência da inautenticidade, para ir rumo a autenticidade. Para melhor explicar a queda do ser como condição necessária para transcendência, o próprio Heidegger afirma que:

O homem autêntico é aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não humano. Desconhecê-la é mergulhar na inautenticidade é sofrer uma queda. Existência inautêntica e queda são sinônimos. Queda, porque os existenciais são necessidades ontológicas imprescindíveis ao ser humano, e que no estado de inautenticidade tendem a degradar. A queda é um estado de decadência, de derrilgação de desamparo, (PENHA, 2001, p. 11).

Olga de Sá discute em sua obra “A escritura de Clarice Lispector” que: a massa branca que escorre do interior da “barata” pode representar o “esperma”, que é fonte da vida e o início de tudo, isto é, do declínio, da queda em detrimento da vida essencial. Partindo dessa abordagem de Sá, observamos na obra em estudo uma afirmação consoante ao sentido imprimido à massa branca com uma possibilidade de vida, ou de construção da existência.

o neutro é inexplicável e vivo, procura me entender: assim como o protoplasma e o sêmen e a proteína são de um neutro vivo (...) velozmente eu me desviciava, e o gosto era novo como o do leite materno que só tem gosto na boca de criança, (LISPECTOR, 1998, p. 102 e 103) .

Poder “refazer a vida” é a sensação que G.H. tem após degustar o inseto, o gosto do nada representa algo novo, e aquilo que é novo é início, pois atentamos para Sá, que dá ênfase ao fato da massa branca significar a vida e assim consequentemente comer o interior do inseto era condição necessária para saborear e ser saboreada pela vida. Assim, este momento pode ser considerado como o nascimento de G.H. para a vida, que esta não tinha pensado e sonhado existir.

O ato de comer a “barata” também nos remete a idéia de um ritual, pois há o sacrifício de algo vivo. “Danação” tem o sentido de amaldiçoado e é sinônimo de “danado” que também tem o sentido de “condenado ao inferno”, “cair na danação” pode neste sentido significar a queda do homem do paraíso para o inferno particularmente existencial. Voltando a idéia de sacrifício, podemos imaginar então o “sacrifício” em função de uma possível “libertação”, Nádia Battella coloca que:

esse percurso doloroso e prazeroso, espécie de via-sacra, que chama-se paixão, estendendo-se até o ponto máximo, na união temporária entre o ‘eu’ e o ‘outro’, (GOTLIB, 1995, p. 358).

Após praticar o sacrifício do inseto e degustar o mesmo, a personagem entra numa espécie de transe, um transe temporário, e é a partir de então que entendemos o exposto acima

convencem de que a busca foi saciada, mas sugere que o destino da mulher, é de adorar, de amor, de perdoar e de se resignar, bem como o de apresentar e silenciar.

Oh Deus, eu me sentia batizada pelo mundo. Eu botara na boca a matéria de uma barata, e enfim realizara o ato ínfimo. Não o ato máximo, como antes eu pensava, não o heroísmo e santidade. (LISPECTOR, 1998, p. 178).

A partir de então podemos imaginar que o “transe” vivido pela personagem transcende e a torna “autêntica” por alguns instantes, que consideramos por momento fugaz, pois ao voltar a realidade ela descobre que tudo não passou de um ato “ínfimo”.

Por que Lispector usa uma “barata” como referência na obra? Poderia a mesma estar comparando-a à mulher? Talvez usar a figura da “barata” se dê pelo fato da mesma ser um “ser” que habita a terra a vários milhões de anos, rasteja, vive em subcondições e nem sempre é percebida. Segundo Berta Waldman, a “barata” pode ser comparada a existência da mulher, a mesma foi reconhecida e independente a poucos anos atrás, devido as condições imposta pela burguesia moderna. E as duas são espécies arcaicas que vivem na alienação de dois mundos diferentes, mas alienadas. Neste sentido, podemos imaginar que a “barata” pode representar a mulher, sendo vista anteriormente como ser “insignificante”. Ver os traços que a “barata” possui como: boca, nariz, olhos e antenas, contrasta com o que G.H. não possui, talvez esta descrição faz com que a personagem sinta-se diante de um espelho, na possibilidade ver-se.

A boca marrom era bem delineada os finos e longos bigodes mexiam-se lentos e secos. Seus olhos pretos facetados olhavam. Era uma barata tão velha como um peixe fossilizado” (LISPECTOR, 1998, p. 63).

Na perspectiva do Existencialismo, entendemos que G.H. ao comer a “barata” transcende a barreira do inautêntico e da queda e passa por alguns instantes ser uma pessoa autêntica, pois a metamorfose sofrida pela personagem deixa transparecer o sentido de liberdade, ser livre para pensar e agir por si só, mas em seguida o questionamento volta a ser

feito de forma intensa, o que não nos possibilita afirmar que “G.H.” tornou-se um ser autêntico. Porque, a linguagem clariciana é exata e certa, porém quase sempre mais sugerida que dita, por isso mesmo a própria autora afirma “o melhor não está escrito, está nas entre linha”.

O obra “A paixão Segundo G.H.” parece nos mostrar em seu todo, o trajeto de uma pessoa que vivia num mundo “massificado”, e consegue, por alguns instantes, através da angústia “danação da minha alma” transcender, isto é, passou da condição de “estar” para “ser” no mundo.

Neste ensaio tentamos expor as agonias vividas pela personagem G.H.. O trajeto percorrido pela obra nos leva a imaginar que no extremo da vida encontramos a angústia e nas possibilidades temos a chance de nos acomodar e “viver” (paraíso da ignorância) ou enfrentar nossos medos e “existir” (cair na danação).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio monográfico nos possibilitou compreender melhor a escrita de Clarice Lispector, na perspectiva do existencialismo de Martin Heidegger, que por sua vez, nos leva a caminhos desconhecidos e complexo, algo obscuro e que vai muito além do que está escrito. Tentar compreender Lispector é extraordinário, porém diríamos que seria quase impossível compreendê-la num todo, pois a grandiosidade de suas obras abre inúmeras possibilidades de pensar e estudar as mesmas.

Partindo desse pressuposto, esse ensaio monográfico é apenas um fio de um tecido denso e profundo, que é o existir na narrativa de G.H., pois analisar “eu tinha que cair na danação da minha alma a curiosidade me consumia”, percebemos que a personagem ficção de Lispector se identifica com o ser o real. Uma vez que ao aventurar-se no desconhecido G.H. tem uma dolorosa experiência, o mesmo pode dar-se com o ser humano que engendra-se no mar profundo e largo da consciência, que pode instigá-lo a projetar ou a retroceder. Neste processo tanto a personagem como o homem tem a liberdade de escolha que não é dada nem ao ser ficcional nem ao ser real ao ser criado, mas a eles é dada a possibilidade de experimentar a essência (autenticidade) ou continuar na aparência (inautenticidade).

Com a realização deste ensaio, esperamos que o mesmo sirva de base e contribua para que outras pessoas se interessem, busquem novas pesquisas e que este sirva também como referência bibliográfica. Esperamos que as idéias contidas neste ensaio façam com que os leitores tenham mais questionamentos do respostas, para que assim possam sempre estarem buscando nas obras de Lispector e nas respectivas teorias, posicionamentos e idéias diferentes. Tendo em vista que este trabalho de análise não tem a pretensão de apresentar respostas precisas ao objeto, mas que dele suja novos embates sob novas perspectivas, pois o

mesmo não está fechado, isto é não um texto teórico pronto e acabado, mas está aberto à discussões.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução a Filosofia*. 1. ed. São Paulo: editora Moderna, 1992.
- PENHA, João da. *O que é existencialismo*. (Coleção primeiros passos) 14. Reimpressão, 1. ed. São Paulo: editora Brasiliense, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo – Parte I*. 12. ed. Petrópolis – RJ: editora Vozes, 2002.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. 2. ed. São Paulo: editora Ática, 1997
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro –RJ: editora Berta Brasil, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. 1. ed. São Paulo - SP: editora Siciliano, 1993.
- GALLO, Silvio. *Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia*. 6. ed. Campinas – SP: editora Papyrus, 2000.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3. ed. Petrópolis – SP: editora Vozes, 2000.
- WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector a Paixão Segundo C.L.*. (Coleção ensaios) 2. ed. São Paulo: editora Escuta, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H. : (Romances)*. Rio de Janeiro – RJ: editora Rocco, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo – SP: editora Perspectiva, 2002.